



Maristas: Uma missão de amor

*"Toda semente é um anseio de frutificar..." E então...
"Põe a semente na terra.
Não será em vão
Não te preocupe a colheita
Plantas para o irmão".*

A história retratada no lindo painel de 2.456 peças confeccionado pela artista Marta Berger destaca alguns tópicos da história sobre a origem do Colégio Marista Ipanema, quais seus principais princípios e a mística de sua finalidade, bem como sobre os personagens importantes e as pessoas envolvidas nesta caminhada.

Para entender a origem do Colégio Marista Ipanema, vamos voltar ao século XVIII – mais precisamente a 1789. Nesse ano, no dia 20 de maio, nasceu Marcelino Champagnat, na localidade de Marlhès, no lugarejo denominado Rosey. Os pais se chamavam João Batista Champagnat e Maria Teresa Chirat. Um casal humilde, religioso e que, desde cedo, ensinava aos filhos o caminho de Jesus e Maria.

O pai era muito sensato e instruído, considerando-se o tempo e a região em que vivia. Pela prudência e caráter conciliador, conquistou a estima de todos os habitantes da paróquia. Servia de árbitro nas eventuais desavenças; todos respeitavam suas decisões, e sua honestidade era extremamente conhecida. Desempenhou papel muito importante na história da Revolução, em Marlhès, nos dois períodos mais sombrios. Foi secretário da prefeitura (02/06/1797), coronel da Guarda Nacional, juiz de paz, comissário do Conselho-Geral de Saint-Etienne (12/08/1792), primeiro eleitor para eleger a assembleia parlamentar (26/12/1792), presidente da administração municipal do Cantão (29/12/1797).

A mãe, de caráter firme, dirigia a casa com sábio espírito de economia e ordem perfeita. A sólida piedade unia todas as virtudes de esposa fiel e mãe excelente. Os cuidados da casa e a educação dos filhos era a única ocupação. Totalmente voltada às obrigações, vivia de tal maneira retirada que só conhecia as casas de sua aldeia, não mais de quinze a vinte.

As vizinhas recorriam a ela em todas as aflições, dúvidas e necessidades e nunca a deixavam sem terem usufruído sua caridade, prudência e sabedoria, e sem receberem consolação e apoio. Reservada nas palavras, jamais procurava informar-se sobre o que se passava na aldeia ou na vida particular dos outros.



Gostava de repetir que devemos nos empenhar na orientação correta de nossa própria vida e acompanhar o comportamento daqueles que de nós dependem, e não nos ocupar com a vida dos outros, nem com as coisas que nos dizem respeito. A tantas qualidades excelentes, essa mãe modelar associava profunda devoção à Santíssima Virgem: todos os dias rezava o terço com os filhos. Lia, ou mandava ler, a vida dos santos ou outro livro edificante. Fazia a oração da noite em família. Além disso, praticava em particular muitos outros atos de piedade em honra de Maria, para merecer-lhe a proteção.

Portanto, estamos diante de uma família exemplar que cultivava os valores humanos e cristãos, pois é da família que a sociedade deve haurir sua força. Ela exerce uma grande força na formação de valores culturais, éticos, morais e espirituais, que vêm sendo transmitidos de geração em geração. Já sabemos que a família é a base da sociedade. A família é fruto da união e do amor, o vínculo afetivo mais valorizado e, por isso, é considerada a unidade básica da sociedade. Defender a família é zelar por um futuro melhor, uma sociedade mais equilibrada e um mundo mais justo. Assim sendo, Champagnat enaltece o valor da família ao declarar: *“Ora, numa boa família, numa família bem ordenada, dominam os sentimentos de respeito, de amor e de confiança recíproca e nunca o temor de castigos”*.

No fim do século XVIII, estava em pleno vapor o desenrolar da Revolução Francesa. O movimento que depôs a monarquia francesa provocou profundas transformações na sociedade. Crianças e adolescentes sem escola, ou escolas com professores sem preparo, sobretudo os da região rural; igrejas abandonadas, não era permitido realizar cultos, reunir pessoas, ou seja, um caos.

Um dos episódios mais marcantes de Marcelino, enquanto criança, ocorreu em decorrência da precarização das escolas na época. Foi quando um professor dele, no primeiro dia de aula, tratou mal um de seus colegas de classe, dando-lhe uma bofetada porque o menino se adiantou para ler, quando o professor havia chamado Marcelino para fazer a leitura. Daquele dia em diante, Champagnat não quis mais voltar àquela escola. Então, passou a ser educado em casa pelo pai, que tinha alto nível de instrução para a época.

Aos 14 anos, Marcelino teve uma conversa com um padre que passava pela região. Naquele momento, teve uma iluminação e ouviu o chamado de Deus ao sacerdócio. Começou seus estudos no seminário de Verrières e, depois, em Lyon, no Seminário Maior, no qual ordenou-se padre em 22 de julho de 1816.

Durante as férias, Champagnat, então seminarista, reunia os meninos da aldeia para dar-lhes o catecismo. Certo dia, para melhor interessá-los, teve a ideia de dar-lhes uma noção de geografia. Mostrou-lhes uma grande maçã vermelha, com que atraiu a atenção de todos. Meninos, imaginem que a terra é uma grande bola



parecida com esta maçã. Se pudéssemos atravessar a terra pelo centro, como atravessamos esta maçã, poderíamos encontrar no lado oposto daquele em que habitamos, homens como nós, porém mais infelizes. Não conhecem o bom Deus, vivem como animais, comem-se uns aos outros.

Um dos alunos que frequentava à aula de Marcelino Champagnat era o Epalle. A partir dessa catequese, ele se sentiu chamado a ser missionário. João Batista Epalle tornou-se Padre Marista, Bispo, missionário martirizado na Oceania. Ele mesmo gostava de recordar o fato, atribuindo a Champagnat a ideia primeira da sua vocação. São chamados missionários aqueles que amam tanto a Deus, que deixam os pais e o país, para ir ensinar-lhes o catecismo e fazê-los bons cristãos. Para reforçar a lição, o Pe. Champagnat repartiu a maçã e deu um pedaço a cada um. Então Epalle tinha seis ou sete anos. Aula e maçã inspiraram-lhe a ideia de fazer-se missionário, ideia que nunca o abandonou.

No seminário de Lyon, Champagnat conheceu um grupo de jovens colegas que, assim como ele, tinham em comum a fé e o desejo de ajudar o próximo. Ao mesmo tempo, Marcelino sentia a necessidade de atuar na transformação da realidade da época, que apresentava uma precarização da educação, da vida cristã e da cultura. Repetia muitas vezes aos colegas: *“Precisamos de Irmãos”*. Até que um dos colegas falou: *“Então, você se encarrega dos Irmãos”*. Com certeza, era isso que ele precisava ouvir dos colegas.

Foi então que, em 23 de julho de 1816, um dia após a ordenação sacerdotal, ele se reuniu com os doze colegas de seminário e juntos deram rumo a essa vocação. Foram até a capela de Fourvière e lá assinaram um documento confirmando a decisão de fundar a “Sociedade da Bem-Aventurada Virgem Maria”.

Logo após firmarem a promessa, Marcelino foi imediatamente atuar em La Valla, onde passou a empenhar todo o seu esforço para levar os ensinamentos de Jesus às pessoas. Na sua rotina, estavam visitas a doentes, catequese às crianças, auxílio aos pobres e orientação cristã das famílias.

Em um desses trabalhos, após 6 meses em La Valla, Marcelino Champagnat foi chamado para atender um jovem que estava muito doente: João Batista Montagne. Durante a conversa com o jovem, Champagnat percebeu que ele não conhecia Deus e tão pouco fora alfabetizado. Foi um choque. Naquele momento, Marcelino se deu conta de que, como o jovem Montagne, existiam muitos outros jovens no mundo que precisavam ser evangelizados e alfabetizados. Infelizmente, após este encontro, o jovem faleceu.

A experiência Montagne é o manancial pontual (histórico) e perene (sempre renovável) da espiritualidade apostólica marista. Enquanto pontual, foi a leitura transcendente de um caso concreto: o grito de auxílio do jovem João Batista



Montagne, no dia 28 de outubro de 1816, em Les Palais: “*Padre Marcelino, ajuda-me!*”; tal interpelação foi interpretada por Champagnat como o grito angustiante das crianças e dos jovens de todos os lugares e tempos.

E Marcelino respondeu a esse grito fundando os Irmãos. Iniciamos a nossa existência como instituição com uma intenção muito específica. Nossa missão não foi pensada “a posteriori”; nascemos a partir dela e para ela. Marcelino nos quis testemunhas vivas da presença de Deus entre as crianças e os jovens, orantes que dedicassem toda sua oração por eles, religiosos que estruturassem todo seu viver comunitário e pessoal a partir da missão de evangelizadores por meio da educação.

Essa nota apostólica refere-se a esse “evangelizar educando” e tem como destinatários as crianças e jovens, com uma pedagogia própria (pedagogia da presença, do amor, da pertença, do espírito de família etc.), com uma, preferencialmente, aos marginalizados (missões, pobres, desassistidos, crianças tristes...).

Foi nesse triste cenário que nasceu, dois meses depois, o Instituto dos Irmãozinhos de Maria. Diante da Imagem da Boa Mãe, Champagnat sentiu o impulso do Espírito Santo de fundar uma congregação dedicada a crianças e jovens, para tornar Jesus e Maria conhecidos e amados e formar bons cristãos e virtuosos cidadãos.

Adquiriu a casa que ficava ao lado do presbitério, junto com um quintalzinho e um terreno adjacentes, pelo preço de mil e seiscentos francos, que pediu emprestados.

Assinado o contrato, ele próprio começou a consertar a casa, limpá-la e colocar nela uns poucos móveis indispensáveis. Pessoalmente, com umas tábuas, fez as camas para seus dois Irmãos e também uma mesa de jantar. Levou, então, **os dois primeiros discípulos, os futuros Irmãos João Maria Granjon e João Batista Audras**, para a casinha modesta que se tornou o berço do Instituto dos Irmãozinhos de Maria. A pobreza transparecia por toda a parte, mas também eram pobres o presépio de Belém e a casa de Nazaré, e os filhos de Maria deviam assemelhar-se à Mãe, trazendo, desde o nascimento para a vida religiosa, a marca da pobreza e da humildade. Foi em 2 de janeiro de 1817 que os dois noviços tomaram posse da casa, começaram a viver em comunidade, lançando assim os fundamentos do Instituto dos Irmãozinhos de Maria.

A **mesa de La Valla**, fabricada por Marcelino Champagnat, é um símbolo de convivência e do relacionamento que nos une, representa a força do espírito de família, congrega todos aqueles que vivem o Carisma Marista como uma nova família de seguidores de Cristo do jeito de Maria.



A mesa também simboliza o pão partilhado, a vida partilhada, características próprias do Carisma Marista, que nos une ao mundo inteiro.

O espírito de família cria espaços e tempos para partilhar fé e vida, gerando comunidade. A exemplo de Jesus, Maria e Marcelino, reunimo-nos com os outros para caminhar juntos, compartilhando a vida, a missão e ajudando-nos a crescer na fé e na espiritualidade.

A mesa de La Valla também representa o Altar da Eucaristia e da Palavra de Deus. Champagnat desejava que os Irmãos estivessem junto no Altar, um dos **Três Primeiros Lugares** preferidos do Marista: o Presépio, a Cruz e o Altar. Ali contemplamos e nos inspira a dimensão de Encarnação: presépio, kénosis, concretude, trabalho, dedicação...; dimensão Redentora: cruz, sacrifício, intercessão vicária...; dimensão Eucarística: altar, oferenda, ressurreição (esperança, alegria, otimismo etc.).

"Dei-lhes o nome de Irmãozinhos de Maria", por quê? No pensamento do Fundador, tudo no Instituto deve pertencer à Maria, tudo deve ser usado para a sua glória. Amar a augusta Rainha, servi-la, propagar-lhe o culto de acordo com o espírito da Igreja, como excelente meio para amar e servir mais fácil e perfeitamente a Jesus Cristo, foi a finalidade que se propôs ao fundar a Congregação. Quer que os Irmãos considerem Maria como Mãe, Padroeira, Modelo e Primeira Superiora.

Ao fundar o Instituto, o Pe. Champagnat propunha dupla finalidade: proporcionar o benefício da instrução cristã às crianças pobres do campo e honrar Maria, pela imitação de suas virtudes e a difusão de seu culto, mas como a Virgem Maria, modelo de todas as virtudes, brilhou sobretudo pela humildade e como a função de educador da infância é, de per si, um ofício humilde, quis que a **humildade, a simplicidade e a modéstia** fossem o caráter específico do Instituto. E para que os Irmãos compreendessem bem seu pensamento, deu-lhe o nome de **Irmãozinhos de Maria** (Petis Frère de Marie) a fim de que, através do nome, se lembrassem continuamente do que deviam SER.

O símbolo escolhido desde os primórdios do Instituto, como parte da identidade Marista são as **três violetas**. Contam que, um dia, São Marcelino num passeio pelo campo viu três violetas e pensou: *"Humildade, simplicidade e modéstia. A melhor maneira de educar para o mundo transformar"*. Mesmo pequena, não chamativa e escondida entre as folhas, a violeta embeleza os ambientes onde está.

Champagnat ensinava que os Maristas devem fazer o bem sem alarde, que não devem ser espalhafatosos, arrogantes ou inacessíveis. A partir desse ensinamento, reconhecem suas potencialidades e limitações, buscando o aprendizado constante, mantendo a integridade e a transparência.



Sua proposta era que os maristas promovessem um tipo de discipulado cristão baseado em três atitudes espirituais básicas: "humildade", "simplicidade" e "modéstia" e essas formam a essência do que significa ser marista.

Na região onde Champagnat morava, as violetas são diferentes das que conhecemos por aqui. Pequenas e discretas, são muito perfumadas e, quase sem se fazer notar, enchem de perfume o local onde se encontram. Champagnat as usava como símbolo das três virtudes. Para o fundador, as violetas simbolizam o desapego das coisas, a autoridade como serviço e a vivência do amor incondicional a Deus.

As violetas são flores pequenas que possuem uma vitalidade forte e que conseguem alterar, com discrição, o local onde se encontram. Elas retratam a humildade, a simplicidade e a modéstia, "síntese" do carisma marista e sinal de compromisso com a causa de Marcelino.

Maria, a mãe de Jesus e nossa Boa Mãe, retrata muito bem esse símbolo das violetas, por isso são chamadas as **três virtudes marianas** de humildade, simplicidade e modéstia. Champagnat recomenda que os Irmãos assumam, sobretudo, o espírito de Maria e se inspirem na sua humildade, simplicidade e modéstia.

"Maria nos congregou nesta casa; mais do que nunca, sejamos fiéis em honrá-la, vivendo como seus verdadeiros filhos, imitando suas virtudes. Redobremos de confiança e lembremo-nos de ser ela o nosso Recurso Habitual".

"Maria mostra visivelmente sua proteção sobre l'Hermitage. Como tem força o santo nome de Maria! Quão felizes somos de nos termos ornamentado com ele! Há muito que não se falaria mais de nossa Sociedade sem este nome milagroso! Maria, está aí toda a riqueza de nossa Sociedade".

Gostava de fazer frequentes visitas à Nossa Senhora. Foi no decorrer dos prolongados colóquios com Ela, junto a seus altares, que teve a intuição de que Deus o chamava para santificar-se e trabalhar na santificação do próximo mediante devoção especialíssima à Mãe de Deus. Vem de então o seu lema: *"Tudo a Jesus por Maria, tudo à Maria para Jesus"*, lema que lhe norteou o espírito e lhe foi norma de conduta na vida.

"Maria, sim só Maria é nossa prosperidade; sem Maria não somos nada e com Maria temos tudo, porque Maria está sempre com seu adorável Filho, ou no colo ou no coração".

Maria, a Boa Mãe, como Champagnat a chamava, foi estendendo o seu manto azul, como as águas do Rio Gier, abençoando, protegendo, iluminando, inspirando e mostrando seu Filho, Jesus, e o caminho do Carisma Marista.



Aos poucos, novos Irmãos foram se juntando a esse Carisma e logo foi necessário ampliar o espaço físico, com a construção do centro de L'Hermitage, inaugurado em 1825. Em 1836, a Igreja reconheceu oficialmente a "Sociedade de Maria" e lhe confiou uma missão na Oceania. Foi o primeiro passo para a expansão missionária para outros territórios, conforme escreveu Champagnat ao bispo: *"todas as dioceses do mundo estão em nossos planos"*.

Assim sendo, pouco a pouco os Irmãos Maristas foram se expandindo, no início, no próprio país da França e, mais adiante, ultrapassando as fronteiras. Os Irmãos assumindo escolas a pedido das Paróquias e das Prefeituras, tornando-se cada vez mais conhecidos e desejados pela eficiência da educação e pela formação cristã das crianças e jovens, empregando a pedagogia do amor, a exemplo de Maria educando seu filho, Jesus; por isso, Champagnat sempre dizia aos Irmãos: *"Para bem educar as crianças é preciso amá-las e amá-las todas igualmente. Ora, amar as crianças é dedicar-se totalmente à sua instrução e empregar todos os recursos sugeridos por um zelo criativo para formá-las à virtude e à piedade"*.

Foi no andar desse processo de expansão que, a clamor do humilde povo, imigrantes que habitavam o Vale do Rio Caí (Bom Princípio, Feliz, São Sebastião do Caí) reunidos em congresso, o clamor geral era: **"quatro anos de escola primária não são suficientes para que a nossa juventude possa enfrentar as exigências da colônia em franco progresso"**. A partir disso, a palavra de ordem do Congresso foi: **"temos que dar mais instrução aos nossos filhos"**. O Congresso responsabilizou o **Padre Rudgero Stenmanns**, jesuíta, vigário da paróquia de Bom Princípio para levar adiante o projeto.

Então, o Pe. Rudgero imediatamente escreveu ao **Bispo do RS, Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão** expondo-lhe as conclusões do **Congresso Católico do Vale do Caí** e insistiu para que o Bispo contatasse, na Europa, uma Congregação Religiosa, cuja missão fosse a Educação, a fim de assumir a **Escola de Bom Princípio**. Dom Cláudio já conhecia os **Irmãos Maristas**, então entrou em contato com o Superior-Geral da Congregação Marista, Irmão Teofânio, fazendo-lhe a proposta.

Sem demora, o Superior Geral escreveu uma **Carta-circular aos Irmãos do Norte da França – Província de Beaucamps** – onde havia diversos Irmãos conhecedores da língua alemã, expondo-lhes as necessidades de uma missão na longínqua América do Sul. Muitos Irmãos responderam "SIM" ao apelo do Superior. **Porém, somente três foram escolhidos: Ir. Weibert, Ir. Berthaire e Ir. Jean Domenici.**

No dia 18 de junho de 1900, os três Irmãos Maristas da Província de Beaucamps partiram da França (Porto de Haure) para Porto Alegre, Bom Princípio, onde, após



45 dias de viagem, chegaram no dia 02 de agosto de 1900. São considerados os fundadores da Província.

Por não saberem o que iriam encontrar no Brasil, os três trouxeram uma bagagem grande – tanto que o agente alfandegário do porto do Rio Grande interpelou o trio como sendo caixeiros viajantes disfarçados querendo comercializar na América e decidiu confiscar toda a bagagem.

Ao chegarem em Rio Grande, os primeiros Irmãos Maristas tomaram o navio “Mercedes”, de porte pequeno, que depois de dois dias pela Lagoa dos Patos e pelo Rio Guaíba, os trouxe a Porto Alegre. Tanto em Rio Grande como em Porto Alegre, os Irmãos foram acolhidos e hospedados pelos padres jesuitas. Em 1º de agosto, partiram de Porto Alegre no vaporzinho fluvial Dom Pedro II que, em 15 horas de viagem, os levou a São Sebastião do Cai, pernoitando na cidade, novamente nos jesuitas.

Finalmente, no dia 2 de agosto, chegou a Cai um grupo de cavalarianos para buscar os Irmãos. Com eles veio uma viatura de quatro rodas, limpa, recém-pintada, puxada por dois cavalos, conduzidos pelo Sr. João Guilherme Rodrigues da Fonseca, tio-avô do atual Irmão Neori Rodrigues da Fonseca.

Esta foi a comitiva dos bom-principienses que introduziu os três Irmãos na paróquia. (...) Na entrada da vila, foram-lhe ao encontro alegres grupos de paroquianos, que receberam festivamente os Maristas, ao espocar de morteiros (Katzeköpp) e estrugir de foguetes, eles passando sob arcos de triunfo e através de caminhos engalanados com bandeirinhas, verdes, festões e flores.

Na porta da igreja paroquial, o Pe. Rudgero Stenmanns os recebeu de braços abertos, com as palavras que comoveram todos: “os filhos da Companhia de Jesus(Jesuítas) recebem os filhos da Congregação de Maria”(Maristas). Todos entraram na igreja. Os Irmãos agradeceram a Deus e a Nossa Senhora a proteção da longa viagem e renovaram a consagração da obra marista que iriam começar. Da igreja, o padre vigário os conduziu à residência, uma casa com sala única, com três camas de vento, três cadeiras de palha e três bacias para se lavarem. Era o conforto da época.

As crônicas de Bom Princípio acrescentam: No bolso 0\$000. Até selos foi preciso esmolar a fim de informar os superiores da Europa sobre o feliz êxito da fundação. Felizes? – Sim, pois, embora os Irmãos carecessem de tudo, os colonos generosos providenciavam o necessário. Não passavam manhã sem que algum camponês ou alguma colona caridosa se achegassem e oferecessem, gratuitamente, ovos, manteiga, batatinhas etc. Não lhes faltou, sobretudo, o auxílio generoso dos padres da canônica, inaugurando uma tradição de estreita colaboração, com destaque, mais tarde, de Mons. José Becker, vigário por mais de 35 anos.



No dia seguinte, 3 de agosto, primeira sexta-feira do mês, na missa solene, imensa massa popular enchia a igreja paroquial. O vigário, em nome da paróquia, deu as boas-vindas aos Irmãos, apresentando-os ao povo.

Após a santa Missa, o Padre, os Irmãos, o povo, unidos consagraram ao Sagrado Coração de Jesus, a nova obra educativa cristã que se estava inaugurando no Estado do Rio Grande do Sul. No final da missa, em uníssono entusiasmo, todos entoaram o "Grosser Gott wir oben Dich" o Te Deum popular dos alemães. A cerimônia encerrou com a benção do Santíssimo Sacramento.

Os três Irmãos começaram a trabalhar, quase que imediatamente, em uma pequena escola paroquial de Bom Princípio. A primeira turma, com 39 alunos, iniciou seus estudos em duas salas instaladas nas dependências da Igreja Matriz da cidade. Dez anos depois, já em um prédio próprio, os irmãos atendiam 120 alunos no colégio, batizado de Sagrado Coração de Jesus.

"A obra marista no Rio Grande do Sul, segundo o Irmão Weibert, nasceu no coração de Jesus, por isso mesmo, sua primeira escola em Bom Princípio, foi batizada com o nome do Sagrado Coração de Jesus, para atestar essa obra lá está a estátua do Sagrado Coração de Jesus, em cima do globo terrestre na fachada do prédio.

*Irmão Weibert, líder da pequena missão, era homem enérgico e decidido, ia direto aos objetivos visados. Já no dia 13 de junho, festa do Sagrado Coração de Jesus, os três Irmãos iniciaram sua longa viagem. Primeiro dirigiram-se a Paris onde subiram a colina de Montmartre, ao Santuário Nacional do **Coração de Jesus**, ali se prepararam espiritualmente como apóstolos para a missão: renovaram sua consagração pessoal a Jesus e Maria (segundo o lema do Fundador "Tudo a Jesus por Maria"); consagraram-lhes também tudo quanto haveriam de realizar no além-mar; diziam: "se surgir uma obra, chamar-se-á **Província do Sagrado Coração de Jesus**". O Ir. Weibert repetia aos Irmãos o pensamento "Tudo entre nós é obra do **Sagrado Coração de Jesus**, sob a proteção de Maria, nossa Boa Mãe".*

Em breve, haveriam de chegar mais levas de Irmãos: alemães, franceses e espanhóis.

A chegada dos primeiros irmãos maristas em Bom Princípio, no Vale do Caí, em 2 de agosto de 1900, deu origem às escolas maristas, aos centros sociais, à Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS), ao Hospital São Lucas e ao InsCer (Instituto do Cérebro), em Porto Alegre, e à atuação missionária na região amazônica.

Já no primeiro lustro do século, fundaram-se: em 1904, o Ginásio Santo Antônio, de Garibaldi, o Colégio Sant'Ana, de Uruguaiana, e a Escola Paroquial São Luiz, que



deu origem ao Colégio Marista Santa Maria (1905). Em 1903, os Irmãos Maristas assumiram a Escola Paroquial dos padres jesuítas, em Santa Cruz, que deu origem ao Colégio São Luiz.

Em 1900, a semente do CARISMA MARISTA foi lançada em terras férteis do RS, transformou-se em frondosa árvore, produzindo abundantes frutos e, hoje, nós somos os abençoados e felizes herdeiros, comprometidos a dar continuidade à Missão Marista.

O desembarque dos três Irmãos Maristas no Rio Grande do Sul foi o início de uma grande obra que hoje possui 22 Colégios 1 Universidade (PUCRS), Hospital (HSL), InsCer e 8 Centros Sociais, sete Escolas Sociais, em 16 cidades do Rio Grande do Sul, além de Brasília, Mato Grosso e Amazônia. A inspiração dos pioneiros é seguida por mais de 10 mil colaboradores, entre Irmãos Maristas e profissionais de diversas áreas educacionais e serviços.

Em 1997, a Associação dos Antigos Alunos Maristas de Porto Alegre (AAMPA), que possuía no local a sua Sede Campestre, fundou o Colégio Marista Irmão José Otão, Escola de 1º Grau, com capacidade para aproximadamente 125 estudantes do Jardim da Infância, Nível B e 1ª série do Ensino Fundamental. Em 2004, passou a oferecer também o Ensino Médio, aumentando o público para mais de 200 estudantes.

Em 2007, a AAMPA, em comum acordo, transferiu o Colégio para os Irmãos Maristas, que já possuíam outros 4 Colégios em Porto Alegre (Rosário, Champagnat, São Pedro e Assunção). Desde então, o Colégio Marista Irmão José Otão foi denominado Colégio Marista Ipanema, contando com aproximadamente 300 estudantes, distribuídos em turmas de Nível 3 da Educação Infantil até a 3ª série do Ensino Médio. O Marista Ipanema é, desde essa data, mantido pela Rede Marista da Província Marista Brasil Sul-Amazônia.

Hoje, o Marista Ipanema oferece infraestrutura completa e adequada para cada nível de ensino, com mais de 24 mil metros quadrados e uma rica área verde. Atualmente, nosso serviço educativo atinge cerca de 1200 estudantes e conta com o trabalho de mais de 179 educadores que se envolvem, todos os dias, para oferecer uma educação de qualidade e formação integral, marcas do jeito marista de educar para a vida.

Atualmente, o Marista Ipanema está ampliando ainda mais sua atuação inovadora na Zona Sul, em um grande projeto que tem como principal objetivo qualificar ainda mais o fazer pedagógico, além de suprir uma demanda de evolução em estrutura física, atendimento e segurança.

A Zona Sul de Porto Alegre é uma região com grande potencial de crescimento. O Marista Ipanema está localizado em uma região em franca expansão, e



a consolidação de um colégio de grande porte na região tende a aumentar a fixação da população local no bairro. Estima-se que o desenvolvimento da escola acarrete em mais 140 vagas diretas de trabalho, incluindo o corpo docente e funcionários da própria escola.

Com base em nosso compromisso, que nos conuoca a sermos líder em educação de excelência, por meio de processos pedagógico-pastorais inovadores, comprometidos com a ética, sustentabilidade e a qualidade de vida, buscamos dar um salto em nossa atuação.

Tendo em vista o horizonte traçado em nosso Planejamento Estratégico, que nos impulsiona a qualificar ainda mais os serviços oferecidos, começamos a dar os primeiros passos rumo ao crescimento da instituição.

Nosso ousado projeto de ampliação figura como um dos maiores investimentos dos últimos anos dos Colégios Maristas. O principal objetivo é suprir uma demanda de evolução em estrutura física, segurança, excelência pedagógica e atendimento. Nos próximos anos, nossa escola irá praticamente triplicar de tamanho, qualificando ainda mais o fazer pedagógico diário.

Esse grandioso investimento trará novos espaços para uma educação de excelência na Zona Sul. São 23 mil metros de área construída, com 20 novas estruturas (salas, auditórios, restaurante, entre outros ambientes) e capacidade projetada para atender até 1,6 mil estudantes.

Portanto, os Irmãos Maristas só chegaram até aqui porque Marcelino Champagnat foi firme no propósito de cativar mais pessoas a fazerem parte dessa grande família. Ao clamor de "Precisamos de Irmãos", acena para os dias de hoje a continuidade do Carisma "Precisamos de Maristas", homens, mulheres, religiosos, leigos e leigas. Parabéns a todos os que estão investindo nesta obra, a todos os que confiam e apostam na educação marista.

Em 1900, a semente do **carisma marista** foi lançada em terras férteis do RS, transformou-se em frondosa árvore, produzindo abundantes frutos e, hoje, nós somos os abençoados e felizes herdeiros, comprometidos **a dar continuidade a esta missão.**

Assim como os três primeiros Irmãos Maristas, que vieram de longe, deixaram a sua pátria, familiares, coirmãos e amigos, com certeza nós, educadores maristas de hoje, colaboradores, pais, alunos, antigos alunos, precisamos, a exemplo deles, de: fidelidade ao carisma de Champagnat, espírito de fé; dedicação, confiança, generosidade, entrega e doação de si; amor ao trabalho, à vocação e à profissão; heroísmo (tempos difíceis), esperança, gratidão...

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Hoje, no Bairro Ipanema, de Porto Alegre, temos esta esplendorosa obra educacional:

Linda porque a educação das crianças e jovens é linda, sublime!

Grande, pois ocupa 24.000 metros quadrados de área construída.

Moderna porque a educação, tanto na escola como na família, deve buscar sempre mais capacitação, atualização e aperfeiçoamento! Além disso, seus espaços físicos e mobiliários são de alto nível.

Aberta, pois a escola marista é um caminho aberto para a vida que aponta e acompanha os diferentes projetos de vida!

Alegre e feliz, porque nela transitam e estudam muitos estudantes desde a Educação Infantil até o 3º Ano do Ensino Médio. Atualmente, são 1.426 estudantes e 235 educadores. Em 2022, tinha-se projetado para atender 1.400 estudantes; esse número já foi superado. É uma escola projetada para atender em torno de 1.800 estudantes.

Desafiadora, porque busca altaneiramente a finalidade proposta pelo Fundador, São Marcelino Champagnat: formar bons cristãos e virtuosos cidadãos.

Ousadia e visão de futuro, porque é uma escola que não para no tempo. Com inovação, atualização, capacitação, tecnologia, pesquisa, busca sempre ser mais para servir com ousadia e esperança. Essas palavras-força estão constantemente presentes na Rede Marista, quanto mais nesta comunidade do Colégio Marista Ipanema.

Assim como Maria, a mãe de Jesus e nossa Boa Mãe, no Magnificat (Lc 1, 46-55), os nossos corações, enchem-se de alegria e gratidão pelo Colégio Marista Ipanema, que iniciou pequeno, mas superando dificuldades e recebendo investimentos, hoje, temos este amplo e belo espaço destinado à educação das crianças, adolescentes e jovens.

Diante dessas considerações, percebe-se que a educação Marista, idealizada e iniciada por um presbítero da Sociedade de Maria, Marcelino Champagnat, foi e continua sendo um modelo de ensino de excelência, com valores, disciplina, métodos e conteúdos sistematizados, por isso cabe aos educadores buscar compreender esta educação tão singular, considerando seus aspectos históricos e pedagógicos que a perpassaram desde o final do século XVIII.

Saudamos e cumprimentamos todas as pessoas que se envolveram nesta moderna e maravilhosa obra, desde as famílias que apostam e confiam seus filhos à escola marista, à equipe diretiva, aos educadores e colaboradores, à Província Marista do Brasil Sul-Amazônia. Tudo foi projetado e construído a muitas mãos,



tendo na nossa mente e no nosso coração estas palavras motivadoras de nosso Fundador, São Marcelino Champagnat:

*“A semente lançada no seio da terra parece perdida por longo tempo; porém nem a intempérie, nem o próprio inverno conseguem destruí-la; a seu tempo germina, cresce e produz frutos. Da mesma forma, a semente que vocês plantam, muitas vezes com grande cansaço, dorme no coração dos educandos, mas terminará por despontar e dar fruto a seu tempo; e serão as palavras de vocês, seus exemplos que hão de estimular a germinação”
(Marcelino Champagnat).*

Irmão Genuino Benini

Diretor do Centro de Espiritualidade e Memória Marista

Bom Princípio RS

2022